



A FORMAÇÃO INICIAL E A ATUAÇÃO PROFISSIONAL DE UM PROFESSOR QUE ENSINA MATEMÁTICA COM PESSOAS JOVENS, ADULTAS E IDOSAS

Washington Santos dos Reis
Universidade Federal do Rio de Janeiro
swashingtonreis@gmail.com

Cleber Dias da Costa Neto
Universidade Federal do Rio de Janeiro
cleberneto@gmail.com

A educação de jovens, adultos e idosos passou a ser pautada de forma mais sistemática no Brasil a partir da década de 1940, culminando na constituição da Educação de Jovens e Adultos (EJA) como modalidade de ensino a partir da resolução CNB/CEB Nº 1, de 5 de julho de 2000, que estabelece as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação de Jovens e Adultos (STRELHOW, 2010).

Atualmente, as políticas públicas de educação de jovens, adultos e idosos têm sido severamente solapadas num processo iniciado em 2016. Segundo Barbosa e Silva (2020):

Com o golpe jurídico, parlamentar e midiático que culminou com o impeachment da presidenta Dilma Roussef em 2016, o direito de jovens, adultos e idosos à educação tem sido colocado ainda mais em suspeição, devido a redução dos investimentos alocados nas diferentes iniciativas da modalidade, o que compromete não só a permanência e aprimoramento das políticas educativas existentes, como também a instituição de novos programas e das condições estruturais favoráveis ao processo de ensino-aprendizagem. (BARBOSA; SILVA, 2020, p. 140)

Neste contexto de ataques, o Movimento dos Fóruns de Educação de Jovens e Adultos criou a “Mobilização Nacional pelo direito à EJA” de modo a resistir aos constantes ataques que têm invisibilizado a EJA na atual conjuntura. Tal mobilização tem sido operada em todo o país, tendo como ponto alto o dia 20 de setembro de 2022 (RICARDO, 2022) – semana em que estamos escrevendo este texto.

Para que este movimento ganhasse visibilidade foram construídas ações integradas visando a produção de conteúdo digital para as redes sociais, com publicações e vídeos. Além disso, uma das propostas era a leitura – em todas as turmas da EJA no Brasil – da carta



aos estudantes, construída no XVII Encontro Nacional de Educação de Jovens e Adultos (ENEJA).

Sendo este o panorama, se faz necessário um movimento de luta no contexto de todos os âmbitos educacionais, como na Educação Matemática, para que esse coro seja ampliado e ouvido pela sociedade.

Para tanto, objetivamos neste trabalho narrar a trajetória do primeiro autor com a educação de jovens, adultos e idosos (EJA) em dois momentos: o de sua formação inicial no curso de Licenciatura em Matemática da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e o do período de atuação docente em dois pré-universitários populares sediados na UFRJ. O segundo autor esteve presente nestes dois momentos, sendo professor de uma das disciplinas cursadas pelo primeiro autor na graduação e atuando também como coordenador da área de conhecimento matemática de um dos pré-universitários no qual o primeiro autor atuou. Além disso, o primeiro autor desenvolve pesquisa de mestrado sob supervisão do segundo autor.

Tal narrativa pretende demarcar a importância de uma formação de professoras/es/ies¹ que ensinam matemática comprometida com a EJA, sobretudo nesse contexto de ataques sofridos nos últimos anos.

Nesta parte inicial nos dedicaremos a narrar as vivências do primeiro autor com a formação inicial na Licenciatura em Matemática da UFRJ com disciplinas voltadas para a EJA ou que tinha a EJA como um dos focos de discussão. Antes disso, cabe aqui fazer uma apresentação. Washington é sergipano, professor de matemática formado pela UFRJ e atualmente é mestrando no Programa de Pós-Graduação em Ensino de Matemática (PEMAT) da mesma instituição.

Em sua graduação desenvolveu particular interesse na educação das relações étnico-raciais, de gênero e sexualidade. Interesse esse gerado por uma percepção de que o processo de escolarização não pode estar alheio aos mecanismos sociopolíticos que estruturam as

¹ Na escrita deste texto incluímos também o gênero não-binário ao entendermos a importância de visibilizar dissidências de gênero. No entanto, não iremos simplesmente trocar, por exemplo, o “todos” por “todes” ao perceber que nesse movimento recairíamos mais uma vez na perspectiva universalista e não abarcaríamos o gênero feminino, que tem sido reivindicado no contexto das lutas dos movimentos feministas.



sociedades. Tal percepção se deu ao longo de sua formação educacional, sobretudo por meio do contato com pautas dos movimentos sociais, além das discussões mobilizadas nas disciplinas do eixo da educação na Licenciatura em Matemática. Além disso, por ser um homem negro, gay e nordestino, seu olhar para as questões da diversidade e diferença sempre ocuparam lugar especial para compreensão do mundo.

A partir disso, disciplinas focadas em outras modalidades e aspectos educacionais que não os ditos regulares se mostravam essenciais. Foi nessa esteira que no primeiro semestre de 2019 Washington cursou a disciplina *Abordagens Didáticas da Educação de Jovens e Adultos*.

Esta é uma disciplina eletiva de livre escolha do curso de Licenciatura em Matemática da UFRJ ofertada pela Faculdade de Educação e foi ministrada pela professora Ana Paula de Abreu Moura. Na ementa da disciplina lê-se que esta tem como foco a:

Abordagem histórico-político-social da EJA no Brasil. A EJA como consequência dos processos da exclusão social inerentes ao não cumprimento dos objetivos da educação na modalidade regular. Perspectivas teóricas possíveis para as práticas pedagógicas que resgatam o saber de indivíduos jovens, adultos e idosos. O perfil do aprendiz. O letramento como uma nova visão sobre a alfabetização. Currículos, materiais didáticos e formação de professores específicos de EJA. (SIGA UFRJ, 2022a)

As atividades da disciplina, em consonância com a preconização da ementa, fizeram um trabalho muito amplo de contextualização da necessidade, importância e especificidades da EJA. E uma vez que este componente curricular é ofertado para todas as licenciaturas da universidade, a turma se torna muito diversa em relação às áreas de atuação. Nesse semestre específico havia estudantes de cursos de licenciatura como: matemática, geografia, química, biologia, física e letras, por exemplo.

Essa diversidade de cursos abarcados em uma disciplina de formação de professoras/es/ies torna a experiência ainda mais rica, uma vez que as discussões mobilizadas se tornam interdisciplinares. Nas atividades realizadas na disciplina essa multiplicidade de experiências e visões foram fundamentais para a construção de uma percepção mais ampla da EJA.



Dentre as atividades realizadas, valorizou-se muito o diálogo em grupos. A professora sempre prezava pela formação de grupos com estudantes de cursos diversos, justamente para que houvesse uma maior troca e aprendizado com as/os/es demais. Em muitas das aulas a proposta envolvia produção textual de acordo com as referências e situações que nos eram apresentadas, de modo que esse texto era produzido de acordo com as discussões do grupo.

No contexto da atuação docente da professora Ana Paula, um dos movimentos que ela fazia com muita frequência era o de contar histórias sobre a atuação dela no período em que foi professora da EJA, assim como sua atuação na coordenação de projetos que tem a EJA como foco. Nessa perspectiva, ela sempre dava ênfase às histórias dos indivíduos que marcaram a trajetória dela, relatos esses que nos emocionavam ao revelar a importância da EJA na vida de algumas pessoas que protagonizavam essas histórias.

No que diz respeito às referências utilizadas, um grande aporte teórico da disciplina se estrutura a partir dos escritos de Paulo Freire, autor que, indiscutivelmente, foi essencial para a constituição da EJA no Brasil e até em outras partes do mundo.

Um dos grandes legados do Paulo Freire foi o de mostrar que a educação é um ato político, assim como o fato da construção do conhecimento ser uma ferramenta para a transformação social. Nas palavras dele:

Não devemos chamar o povo à escola para receber instruções, postulados, receitas, ameaças, repreensões e punições, mas para participar coletivamente da construção de um saber, que vai além do saber de pura experiência feito, que leve em conta as suas necessidades e o torne instrumento de luta, possibilitando-lhe ser sujeito de sua própria história. (FREIRE, 2001, p. 16)

Como trabalho final da disciplina, a professora apresentou a Coleção Cadernos de EJA, produzidos pela extinta Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade (SECAD) do Ministério da Educação. O objetivo do trabalho era, em grupos, escolher um dos cadernos dessa coleção e elaborar uma aula interdisciplinar abordando conteúdos das áreas dos cursos das/dos/des integrantes/ies dos grupos levando em conta a temática abordada no Caderno escolhido.



O grupo do autor foi formado por ele e mais duas colegas, uma da Licenciatura em Matemática e outra da Licenciatura em Biologia. O Caderno escolhido foi o *Juventude e Trabalho*. No plano de aula colocamos que

O grupo escolheu o Caderno intitulado “Juventude e Trabalho” movido pela emergência de se pensar sobre o panorama atual do país no que diz respeito às demandas de empregabilidade da população e as consequências em suas vidas.

O objetivo do nosso seminário é apresentar uma aula para uma turma da Educação de Jovens e Adultos – EJA Etapa II (2º ano). A aula apresenta caráter interdisciplinar na qual são abordados conteúdos das ciências matemáticas e biológicas – envolvendo análise de gráficos estatísticos, porcentagem e regra de três, assim como revisar conhecimentos sobre o corpo humano a partir dos efeitos gerados pelo estresse e outras doenças decorrentes da situação de desemprego. (Dados dos autores)

A experiência de formação vivenciada nesta disciplina foi essencial para que o autor compreendesse de forma sistemática a necessidade de lutar pela EJAI e, sobretudo, de pensar uma educação que leve em conta as vivências e o recorte social das pessoas que estão compondo as salas de aula da EJA no Brasil.

A outra vivência de formação docente que queremos relatar envolve a disciplina *Matemática na Escola*. Essa, diferente da primeira, é um componente curricular obrigatório da Licenciatura em Matemática da UFRJ e tem como objetivo apresentar: “Observação e discussão do conteúdo matemático desenvolvido nas turmas de Ensino Fundamental e Ensino Médio da rede oficial. Análise dos principais pontos de dificuldades.” (SIGA UFRJ, 2022b). Ou seja, o que a ementa preconiza visa a atender especificamente ao conteúdo de matemática no contexto da educação básica.

Entretanto, os professores Victor Giraldo e Cleber Dias da Costa Neto – segundo autor deste texto, que ministraram essa disciplina em docência compartilhada quando o autor a cursou, no segundo semestre de 2019, têm feito um movimento de insubordinação curricular ao trazer outro foco para essa disciplina. Foco esse que visa discutir o ensino de matemática em contextos sociais diversos, trazendo para a pauta as questões raciais, de gênero, sexualidade, educação especial, inclusiva, educação escolar indígena, do campo, quilombola, EJAI, periferias urbanas e pessoas em situação de privação de liberdade.



As atividades da disciplina se concentraram em três eixos: rodas de conversa com a presença de convidadas/os/es; debates temáticos a partir de referências da literatura de pesquisa; além de aulas-campo.

Essa disciplina foi um divisor de águas na formação do autor, uma vez que os debates suscitados não foram vistos de forma geral no curso, de modo que este espaço se tornou muito especial para refletir sobre o papel da educação matemática em seu caráter sociopolítico. No entanto, focalizaremos a experiência dessa disciplina no contexto de duas aulas de campo que discutiram a EJAÍ. Essas aulas foram realizadas no Centro Municipal de Referência de Educação de Jovens e Adultos (CREJA) da cidade do Rio de Janeiro e no Colégio de Aplicação (CAp) da UFRJ, onde visitamos aulas de matemática em turmas de EJAÍ no ensino fundamental e do Curso Preparatório Popular (CAp Popular), respectivamente.

As duas visitas foram relatadas, uma vez que o relatório era uma atividade prevista da disciplina. A visita ao CREJA ocorreu no dia 10 de outubro de 2019 e foi estruturada em duas partes, uma dentro de sala de aula e outra fora de sala nas dependências do Centro para conhecermos um pouco sobre sua concepção institucional e importância.

Na primeira parte, participamos de uma aula de matemática da professora Deisy, na qual fomos situados em relação à realidade dos alunos da EJA e das suas demandas através dos relatos deles próprios; assim também como as especificidades da docência nesta modalidade de ensino. No que diz respeito ao perfil social dos alunos, são em geral trabalhadores das classes mais populares da sociedade, como pedreiro, empregada doméstica, auxiliar de manutenção, porteiro e, ultimamente, a unidade tem recebido pessoas em situação de rua. (Dados dos autores)

Essa visita foi muito inspiradora pela forma com que a professora conduziu os momentos da aula, assim como a participação das/os alunas/os contando suas trajetórias de vida e o que as/os motivaram a voltar a estudar foi muito potente. Ainda sobre a atuação da professora, no relatório consta que:

O trabalho da docente em questão se mostrou vital em relação à necessidade de relacionar a vivência e experiência dos alunos para com o aprendizado conceitual da matemática. No dia da visita foi levada uma atividade sobre juros de compras a prazo, e notou-se pelos comentários dos alunos uma participação muito pautada na própria experiência deles com



esse tipo de questão do dia a dia. Além disso, foi muito interessante perceber a compreensão e respeito da professora em relação a real demanda dos alunos — que é a alfabetização. Sendo assim, ela sempre leva atividades que favoreçam a leitura, em detrimento de um ensino tecnicista. (Dados dos autores)

Posteriormente, no dia 24 de outubro de 2019, ocorreu a visita ao CAp Popular. Esta também se deu em dois momentos, sendo que no primeiro conversamos um pouco com a representante da direção do CAp UFRJ. Nessa conversa nos foi apresentado que o CAp Popular é um “projeto de extensão voltado para a população marginalizada da sociedade — como negros, LGBT+, pobres e outras minorias — que pretende fazer provas do ENCCEJA e ENEM.” (Dados dos autores). Já no segundo momento:

fomos conhecer a turma do projeto. A professora de matemática, Gabriela, propôs uma dinâmica de trabalho em grupos, mesclando alunos do Projeto e licenciandos para que pudéssemos perceber a forma de aprendizagem dos alunos, ao passo que ajudávamos os mesmos com a resolução das questões propostas. Posteriormente, os alunos do projeto foram convidados a irem ao quadro para apresentarem suas resoluções dos problemas, explorando assim diferentes métodos de raciocínio. (Dados dos autores)

Essas duas visitas foram muito relevantes no contexto dos objetivos que a disciplina de *Matemática na Escola* tinha, uma vez que vimos na prática a educação matemática em ambientes que normalmente a licenciatura não se propõe a pensar. No caso do autor, foi marcante também presenciar a realidade que a disciplina de *Abordagens Didáticas da Educação de Jovens e Adultos* tinha mostrado de forma teórica no semestre anterior.

As experiências relatadas nessas disciplinas se mostraram de fundamental relevância para a formação inicial do autor, de forma que outras perspectivas e modalidades educacionais foram vistas e exercitadas no contexto de sua futura prática docente. Desse modo, devemos deixar aqui a possibilidade de tensionar o currículo oficial das Licenciaturas em Matemática para que estes abarquem as discussões sobre a EJAI em seus componentes curriculares obrigatórios, uma vez que essas experiências relatadas pelo autor não teriam sido possíveis sem a insubordinação dos docentes ou interesse do autor no caso da disciplina eletiva.



Partindo agora para a segunda e última parte desta narrativa, pretendemos tecer breves considerações sobre a experiência do primeiro autor como professor no âmbito da educação matemática com pessoas jovens, adultas e idosas.

Essa experiência ocorreu em dois projetos, o primeiro deles foi o Pré-Universitário Rubem Alves, projeto de extensão sediado no Centro de Ciências da Saúde da UFRJ, que tem como objetivo auxiliar pessoas a se prepararem para realizar o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) a fim de pleitear vagas no ensino superior. E o segundo projeto foi o já mencionado CAP Popular, que o primeiro autor ingressou como professor voluntário da área de matemática por meio do convite do segundo autor. Ambos os projetos se configuram enquanto esforços da educação popular e recebem pessoas jovens, adultas e idosas.

A atuação do primeiro autor no Pré-Universitário Rubem Alves foi iniciada em março de 2019 e perdura até o presente momento. Já no CAP Popular a atuação foi iniciada em abril de 2022, após a conclusão de curso de graduação do autor, que ocorreu em março de 2022.

Nesta narrativa, daremos enfoque às percepções subjetivas da educação que essas experiências docentes proporcionaram, como por exemplo a necessidade de prestar atenção às especificidades de cada aluna/o/e, uma vez que muitas/os/es chegam nestes projetos após um longo período longe das experiências escolares. Muito frequentemente, o planejamento feito para uma aula seguindo o cronograma do curso precisa ser repensado e estendido, dado a necessidade de adentrar em conteúdos requisitados para a compreensão do que o planejamento abordava.

Certamente essa é uma prática que ocorre também na educação básica escolar dita regular, mas no contexto da EJAI isso acaba ganhado maior relevância, uma vez que estas pessoas frequentemente retornam aos estudos com a autoestima muito abalada no que diz respeito ao conhecimento. Muitas das vezes não se acham capazes de aprender matemática ou se sentem desconfortáveis por estar voltando a estudar depois de muito tempo, especialmente no caso de adultos e idosos.

O que temos exercitado nesse sentido é praticar o fato de que nosso compromisso enquanto professores é com as pessoas, e não exatamente com seguir o planejamento à risca



e o conteúdo pré-determinado. Tal orientação é algo que precisa ser posto em prática em todos os níveis e modalidades educacionais.

Outra característica marcante na EJAI se concentra na ordem do sonhar com outras possibilidade e panoramas que muitas das vezes as pessoas são levadas a pausar em suas vidas. Muitas/os/es alunas/os/es que recebemos nesses projetos, ao conversarem conosco, contam suas histórias de vida e seus anseios em relação aos estudos e à possibilidade de entrar no curso superior que desejam.

Num país como o Brasil, com sérios problemas de desigualdade social por vários fatores como o racismo, misoginia, LGBT+fobia, classe social, dentre outros, é primordial a existência da EJAI, uma vez que esta recebe pessoas que por diversos motivos, em geral vinculados com tais problemáticas, voltam às salas de aula para sonhar com outras perspectivas de vida. Nesse sentido, com a experiência da educação matemática com pessoas jovens, adultas e idosas entendemos que a EJAI tem como um de seus pilares o *esperançar* freireano.

É preciso ter esperança, mas ter esperança do verbo *esperançar*; porque tem gente que tem esperança do verbo *esperar*. E esperança do verbo *esperar* não é esperança, é *espera*. *Esperançar* é se levantar, *esperançar* é ir atrás, *esperançar* é construir, *esperançar* é não desistir! *Esperançar* é levar adiante, *esperançar* é juntar-se com outros para fazer de outro modo. (FREIRE, 1992, s.p.)

Desse modo, o *esperançar* nos motiva numa realidade em que a EJAI se encontra atacada, à espera e em luta por uma educação popular, como prática da liberdade e da democracia. Esta narrativa teve como objetivo contar um pouco das experiências de formação e atuação de um professor de matemática no contexto da EJAI. Com esse relato, intencionamos o fortalecimento da educação matemática com pessoas jovens, adultas e idosas de modo a resistir aos atuais ataques que a EJAI vem sofrendo no âmbito do desmantelamento das políticas públicas de educação no Brasil atual.



REFERÊNCIAS

BARBOSA, C. S.; SILVA, J. L. Reflexões sobre a destituição do direito à Educação de Jovens, Adultos e Idosos no Brasil no tempo presente. **Revista Humanidades e Inovação**, v. 7, n. 19, p. 139-153, ago. 2020.

FREIRE, P. **A educação na cidade**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

FREIRE, P. **Pedagogia da Esperança: um reencontro com a Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

RICARDO, L. Mobilização nacional pelo direito à Educação de Jovens e Adultos. **SINPRO DF**. 2022. Disponível em: <https://www.sinprodf.org.br/mobilizacao-nacional-pelo-direito-a-educacao-de-jovens-e-adultos/> Acesso em: 20 set. 2022.

SIGA UFRJ. **EDD648-Abord Did Educ de Jov Adultos**. Disponível em: <https://siga.ufrj.br/sira/repositorio-curriculo/disciplinas/9CBB5CB8-92A4-F799-2D72-BC24280B7AC9.html>. Acesso em: 21 set. 2022a.

SIGA UFRJ. **MAW244-Matematica na Escola**. Disponível em: <https://www.siga.ufrj.br/sira/repositorio-curriculo/disciplinas/97346B98-92A4-F713-0056-3E3956467080.html>. Acesso em: 21 set. 2022b.

STRELHOW, T. B. Breve história sobre a Educação de Jovens e Adultos no Brasil. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n.38, p. 49-59, jun. 2010.